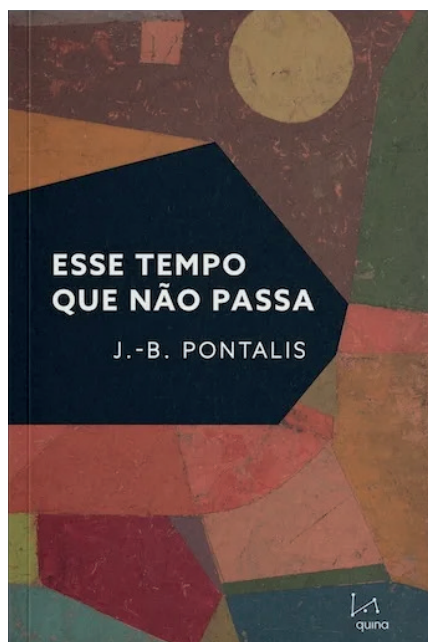


## Esse tempo que não passa

J.-B. PONTALIS  
Quina, 2024

resenha por  
JOSÉ CARLOS CALICH



Alguns livros psicanalíticos são bem escritos, claros e elucidativos. Outros apresentam elevada densidade teórica, com fundamentações precisas, elaboradas e inovadoras. Há ainda os que se destacam pela fatura literária, capazes de envolver, emocionar e até comover o leitor. *Esse tempo que não passa*, de J.-B. Pontalis, é a rara confluência desses três estilos: é muito bem escrito, denso, preciso e comovente. Transmite a experiência emocional daquilo que o autor deseja aprofundar como conceito, oferecendo sua visão sobre o trajeto psicanalítico diante do “que não passa”. Pontalis parte de sua vivência clínica, mas utiliza narrativas pessoais, metáforas finamente construídas, analogias, diálogos com outros conceitos, contextualizações e contraposições — em um

movimento contínuo de energia vital e equilíbrio que prende a atenção, toca, gera enigma e desperta curiosidade.

O livro organiza-se em três partes: *Tempo outro e outro tempo*, *Movimentos* e *Encarnações*. Ao final, Pontalis acrescentou um texto posterior, intitulado *A cabine do trem*. A escrita desse último se diferencia das anteriores: não se refere diretamente a conceitos psicanalíticos, mas cria imagens, transformações e implicações que constroem o trajeto analítico e o enquadre de trabalho.

Nesse texto suplementar, o autor nos convida a entrar na cabine de um trem em movimento. Lá, tempo e espaço se confundem: o mundo desliza pelas janelas, enquanto no interior suspenso nascem confidências,

silêncios e sonhos compartilhados. A cabine é metáfora da situação analítica: espaço fechado que, paradoxalmente, abre um horizonte infinito. O trem avança pelas estações, mas o que importa é o que se passa entre analista e analisando — esse intervalo em que o tempo se desarma e se deixa reinventar.

Na primeira estação, *Tempo outro e outro tempo*, Pontalis nos conduz a um território onde o relógio deixa de marcar as horas. É o tempo psíquico que se dobra sobre si mesmo, feito de ecos, suspensões e silêncios, onde o originário não cronológico persiste como presença insistente.

O ponto de partida do conceito central de Pontalis são os processos arcaicos e inaugurais do psiquismo, vividos modelarmente pelo *infans* — aquele, ou a parte de todos nós, que ainda não dispõe da linguagem para organizar suas experiências. Tais vivências situam-se antes da temporalização psíquica; por isso, não se ordenam nem se contextualizam no tempo. Apenas quando elaborada psiquicamente, a experiência pode dar origem a uma dimensão temporal interna, fundada essencialmente no movimento do *après-coup*, que permite ordenamento sequencial e significação ao vivido.

Quando esse trabalho psíquico não ocorre, a experiência não se inscreve, não alcança representação e permanece sem localização temporal. Nesses contextos traumáticos — paradigmáticos do “tempo que não passa” — o vivido se apresenta como sempre presente. O

que não se contextualiza não pode ser deixado para trás, no passado, nem se abre ao movimento expansivo do *après-coup*, que introduz a noção de futuro. Impõe-se como um “agora” interminável, irreduzível à elaboração, marcado pela insistência e pela compulsão à repetição. A melancolia fornece outro modelo dessa mesma lógica: quando o luto não se conclui, o objeto perdido não se transforma em lembrança, mas se fixa como presença intemporal — sombra corrosiva do eu, aprisionada num tempo congelado.

Pontalis anima cada um desses movimentos com sua habilidade literária singular. O leitor é levado a sentir a não temporalidade, não como conceito abstrato, mas como experiência evocada. Ao dar-lhe vida, torna-se clara a diferença entre o tempo psíquico — sujeito a suspensões, repetições, bloqueios e fragmentações — e o tempo cronológico, com sua métrica linear, sequencial e quantitativa. A leitura da obra convoca experiências de quebra de ritmo, descontextualizações e despedaçamentos da própria narrativa de nossa história, auxiliando a redefinir, à maneira do autor, o próprio conceito de memória.

Nesse percurso, surge a imagem de uma “quinta estação”: além das quatro estações marcadas pela cronologia e linearidade, essa outra se distingue por não ter trama nem correlação. É um lugar onde o indivíduo — muitas vezes ainda não constituído como sujeito — permanece fixado, preso, incapaz de deslocar-se.

Cabe à análise, especialmente no espaço privilegiado da transferência, abrir a possibilidade de movimento, expansão e reinscrição. É no trabalho de simbolização transferencial que se oferecem condições de articulação, conexões e deslocamentos que criam a temporalidade, tecendo narrativas da experiência emocional que sustentam a constituição do sujeito.

Se na primeira parte reinava a suspensão, na segunda, intitulada *Movimentos*, o autor escuta os deslocamentos discretos que brotam da análise. Pergunta-se se o tratamento é processo — sequência lógica, passo a passo — ou travessia — viagem sem mapa, feita de desvios e encontros inesperados. Entre imagens de travessia marítima e metáforas dos porcos-espinhos que se aproximam e se afastam, ele descreve a coreografia dos afetos e da transferência. O movimento, mais do que conduzir a uma chegada, é a própria condição de criação do tempo no espaço analítico.

Pontalis percorre dimensões intrapsíquicas e intersubjetivas, detalhando o trajeto analítico que conduz à construção da temporalidade e de seu espaço. Embora densamente fundamentado, o texto não se torna saturado. Pela singularidade de seu estilo, mantém-se claro, vivo. Como um organismo, respira: é arejado por metáforas e imagens que deslizam, renovando continuamente o pensamento e o contato com o mundo interno do leitor.

Na última estação, *Encarnações*, o que estava suspenso ou em trânsito condensa-se em

corpo e voz. O tempo que não passa encontra abrigo na matéria: um sintoma, um sopro, uma letra maiúscula que irrompe no discurso. Pontalis mostra como o inconsciente se encarna, não como teoria abstrata, mas como presença sensível — um gesto, uma respiração, uma palavra que vibra. É no corpo e na linguagem que o intemporal se deixa surpreender, ganhando forma viva no aqui e agora da análise.

Mais do que um livro sobre um conceito psicanalítico e sua análise, “*Esse tempo que não passa*” é uma experiência emocional, esclarecedora, ubíqua — mas, ao mesmo tempo, singular e situada —, imperdível.

■

José Carlos Calich é analista didata da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre (SPPA). É Professor na Universidade de NY (NYU) e é membro do Comitê Científico da Fundação Jean Laplanche em Paris. Coordena o Grupo de Trabalho sobre Métodos Clínicos Comparados (CCM) na América Latina e foi Editor do *International Journal of Psychoanalysis* (2013-2018). Fez parte do Conselho Editorial de *Recherche en Psychanalyse* da Universidade Sorbonne. Coordena, desde 2012, seminários da Associação Psicanalítica Chilena (APCh) e é Membro Honorário da Associação Psicanalítica Mexicana (APM). Foi Diretor do Instituto de Formação (2022-2023) e Presidente da Sociedade (2020-2021). [jccalich@gmail.com](mailto:jccalich@gmail.com)

DOI 10.5935/0101-3106.V47N80.19